

## A OPRESSÃO CONSERVADA NO SAL DA HISTÓRIA: UMA LEITURA DA CANÇÃO *ES CRAVO DE SALADEIRO*

João Luis Pereira Ourique<sup>1</sup>  
Ulisses Coelho da Silva<sup>2</sup>

*Recebido em 17/05/2019. Aprovado em 21/06/2019.*

"A expressão do histórico nas coisas  
nada é senão a do sofrimento passado."

(Theodor Adorno - **Minima Moralia**)

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta uma análise da composição *Escravo de Saladeiro*, de autoria de Antonio Augusto Fagundes e Euclides Fagundes Filho. Essa canção foi apresentada no ano de 1981 na XI Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, um dos mais importantes festivais do Rio Grande do Sul, Brasil. O tema da obra é a escravidão nas charqueadas e o sofrimento imposto aos negros no saladeiro, situação que era tratada - até o terceiro quarto do século XX - de forma tangencial pelo discurso histórico, muito em função de um projeto de valorização da história do gaúcho. Os versos da música que recuperam esse período de opressão possibilitam uma rememoração de um passado distante, mas que ainda ressoa no nosso tempo, nos colocando em confronto com nossa própria formação identitária através das metáforas nas quais “o mundo está e não está presente”, considerando a perspectiva de Antonio Candido. Para subsidiar nosso trabalho, também nos apoiaremos nas reflexões sobre Literatura e História propostas por Sandra Jatahy Pesavento e Jacques Leenhardt, bem como em documentos históricos sobre o período da escravidão e a região das charqueadas.

**Palavras-chave:** Escravidão. Charqueadas. Gaúcho. História. Música. Literatura

A escravidão e o tráfico negreiro se constituíram na maior tragédia da história da humanidade. Todo esse processo de exclusão e opressão perdurou – de maneira oficial e legitimado por tratados e leis – do século XVI até o final do século XIX. Homens, mulheres, crianças, escravizados pela cor de sua pele, eram tirados de sua terra natal e vendidos como mercadoria para quem pudesse pagar. Dessa forma, o europeu subjugava a etnia negra, acreditando que esta não era pertencente à raça humana.

---

<sup>1</sup> Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas.

O continente americano foi o destino de grande parte dos navios negreiros, que mais pareciam masmorras flutuantes, que atravessavam o oceano Atlântico carregados do sofrimento dos que ali se amontoavam. É imensurável o martírio da travessia, ainda mais se pensarmos que a sobrevivência a essa provação era apenas o início de uma jornada de dor e de humilhação imposta pelo trabalho escravo no Novo Mundo. Podemos apenas imaginar uma pequena fração do horror da viagem nos versos de Castro Alves que abordaram essa *Tragédia no mar*<sup>3</sup>. “Stamos em pleno mar...” e tentamos nos colocar no lugar do escravo, mas ao nos ser apresentada a história, ao termos a certeza de que isso ocorreu, que não foi uma ficção de uma mente sádica, mas uma realidade histórica, podemos apenas bradar com o poeta: “Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus! / Se é loucura... se é verdade / Tanto horror perante os céus...” (1995, p. 180-184).

Não era loucura – no sentido de um devaneio –, mas se constituiu em uma loucura que legitimou o horror de séculos no continente. A escravidão perdurou e os descendentes dos que sobreviveram nos porões dos navios negreiros foram forçados a trabalhar para produzir a riqueza de nações e dos seus poucos governantes. O progressivo – e lento – processo de abolição na América Latina começou no Chile, em 1823. Somente 65 anos depois, o Brasil aboliu a escravidão, sendo o último país latino-americano a fazê-lo, e “a sua liquidação foi um dos processos mais complexos de nossa história.” (SODRÉ, 1987, p. 7).

A base da economia brasileira dependia do trabalho escravo e todos os estados do Brasil se utilizaram de mão de obra escrava para seu desenvolvimento. No Rio Grande do Sul, a escravidão cresceu junto com as charqueadas, as quais pela forma de trabalho muito intenso ficaram conhecidas como “purgatório dos negros” (PESAVENTO, 1997, p. 42).

As charqueadas surgem na zona sul do estado no final do século XVIII. Luis Rubira, no Almanaque do Bicentenário de Pelotas, cita alguns pontos importantes sobre o início das charqueadas na zona sul, são eles:

- a) João Cardoso da Silva é o primeiro a instituir estabelecimento de indústria saladeiril no Continente;

---

3 Subtítulo do poema *O navio negreiro*, de Castro Alves.

- b) O rio Piratini (e, portanto, Arroio Grande, e não Pelotas) é o berço da indústria saladeiril;
- c) O “processo inicial de ocupação dos campos denominados ‘das Pelotas’ não foi obra fortuita ou tão pouco de um único empreendimento: a charqueada de Pinto Martins”. Pelo contrário: Pelotas, nos seus primórdios “é consequência do agro-pastoreio”;
- d) Devido aos documentos até agora encontrados, José Pinto Martins somente partiu do Ceará para estabelecer-se por aqui “nos anos 90 do século XVIII”.” (2012, p. 42)

Com esses dados, verificamos que a importância do trabalho de José Pinto Martins, natural de Portugal, para Pelotas foi a industrialização no processo de produção do charque. Antes de vir para a região, o português residia no Ceará, estado em que já havia produção de charque em grande escala. O ápice dessa industrialização na região sul ocorre no século XI/X:

**Figura 1** – Pelotas. Uma charqueada. *Varais*. Postado em 1904.



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, v. 1, 2012, p. 230.

Ester Gutierrez explica que

as fábricas de salga carnes, localizadas na margem esquerda do arroio Pelotas, dedicavam-se à criação de gado. Tinham maior número de escravos do que as situadas do lado direito. No entanto, a densidade da população servil, na orla direita, era maior, porque ali funcionavam 30 estabelecimentos contíguos. Em frente, na costa esquerda do arroio, a das estâncias e charqueadas, operavam sete estabelecimentos, intercalados pelos campos de pecuária de cinco estâncias. (GUTIERREZ, 2001, p. 87)

**Figura 2:** Pelotas. Uma charqueada. *Enfardação*. Postado em 1904



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, v. 1, 2012, p. 230.

O crescimento destas indústrias, de certa forma, é responsável pela formação de uma das principais cidades da zona sul do estado do Rio Grande do Sul. A cidade de Pelotas, que chegou a ser referência econômica e cultural, iniciou na condição de Freguesia São Francisco de Paula, em 1812. Em seguida foi elevada à condição de vila no ano de 1832. Em 1835, finalmente é adotado o nome de Pelotas, referência às antigas embarcações indígenas.

**Figura 3** – Praça Cel. Pedro Osorio. Ao centro o Teatro Sete de Abril. Litografia. Ludwig, década de 1840



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, v. 1, 2012, p. 18.

Até o início do século XX há um enriquecimento deste município, fundamentalmente estruturado na cultura do charque. No século XVIII são iniciadas as obras da Catedral São Francisco de Paula, imponente projeto artístico e arquitetônico que conta com trabalhos do pintor Aldo Locatelli.

**Figura 4** – Catedral São Francisco de Paula. [À direita, o antigo chafariz. Desaparecido]



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, Vol. 1, 2012, p. 227

A Bibliotheca Pública Pelotense, importante referência cultural da cidade, foi inaugurada em 1881, inicialmente em andar único, no mesmo ano de inauguração do prédio da atual prefeitura. Entre os anos de 1913 e 1915, a biblioteca recebeu o seu segundo piso. A seguir, fotos dos prédios por volta de 1900 e no ano de 2010:

**Figura 4** – Praça Cel. Pedro Osorio. Prefeitura Municipal e Biblioteca Pública. Postal.



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, v. 1, 2012, p. 282.

**Figura 6** – Bibliotheca Pública, 2010.



Foto: Arquivo pessoal de J. L. P. Ourique

Diante disso, podemos verificar que o desenvolvimento da cidade de Pelotas ocorre proporcional e diretamente ao das charqueadas. No entanto, não há somente o aumento da riqueza, juntamente com ela também cresce, na região, a escravidão.

As relações escravistas de produção, segundo a historiadora Sandra Pesavento, “estabeleceram-se assim de forma decisiva no sul, constituindo-se o negro na mão-de-obra por excelência das charqueadas rio-grandenses.” (1997, p. 18). No final do século XIX, antes da abolição da escravatura, os charqueadores rio-grandenses tentavam resolver a sua situação de menor produção que os charqueadores da banda oriental, estes últimos que já funcionavam com sistema capitalista de contratação de funcionários, para tanto os negros eram libertados com a condição de continuarem prestando serviços aos seus senhores. “Significava, em última análise, extinguir a escravidão sem extinguir os escravos.” (PESAVENTO, 1997, p. 45). É importante também ressaltar que muitos escravos lutaram na revolução farroupilha, de 1835 a 1845, atendendo a uma promessa de liberdade que nunca foi cumprida.

A quase ausência de crianças nas charqueadas é um dado que evidencia esse viés do sistema de produção, tendo em vista garantir, com o menor custo, a eficiência do trabalho. Segundo Ester Gutierrez: “o número de crianças, de três meses a nove anos, era

próximo do inexistente... Era mais conveniente comprar novos escravos do que investir na reprodução.” (2001, p. 89).

Conforme Pesavento (1997), a partir de 1850 através da lei Euzébio de Queiroz foi extinto o tráfico negreiro. Dessa forma, tornou-se cada vez mais difícil ter mão de obra para as charqueadas sulinas, visto que os escravos iam para o centro do país. E esta tentativa de continuidade de escravidão das charqueadas rio grandenses em oposição às inovações do saladero platino somada a dificuldade política com o centro do país, resultou na sua decadência. Pesavento diz:

Na escravidão, é só através do aumento do número de horas de trabalho ou pelo aumento de número de escravos que se obtém maior produção. O escravo, por seu turno, só é levado a trabalhar mais através da coerção física. Ora, o aumento da vigilância e da repressão tendiam a desgastar mais rapidamente as forças do trabalhador, encurtando sua vida média. Desta forma, mais rapidamente se fazia necessária a reposição de mão-de-obra escrava nas charqueadas sulinas, conhecidas como *purgatório dos negros*. (PESAVENTO, 1997, p. 42)

Podemos verificar que nesta corrente de pensamentos há como contraponto das Charqueadas, fonte de riquezas da zona sul, o Saladeiro, fonte de desgraça do negro.

Ao encontro deste conceito, Antônio Augusto Fagundes<sup>4</sup> escreve os versos de *Escravo de Saladeiro* (1990)<sup>5</sup>, que foram musicados pelo seu irmão, Euclides Fagundes Filho.

A estrutura lírica desta canção ocorre em versos de redondilha maior.

1. Escravo de saladeiro
2. me dói saber como foi
3. Trabalhando o dia inteiro
4. sangrando o mesmo que o boi

---

4 Antônio Augusto da Silva Fagundes – popularmente Nico Fagundes – nasceu em 4 de novembro de 1934, vindo a falecer em 24 de junho de 2015, com oitenta anos de idade. Reconhecido como um dos mais importantes folcloristas do Rio Grande do Sul, também foi poeta, compositor, escritor, autor, ator de teatro, televisão e cinema, além de apresentador do mais antigo programa de televisão dedicado à música e a cultura regionalista do Rio Grande do Sul: o programa Galpão Crioulo, exibido pela RBS TV, afiliada da Rede Globo de Televisão, desde 1982. Junto de seu irmão, Euclides Fagundes, mais conhecido como Bagre Fagundes, compôs vários clássicos da música regionalista gaúcha, como *Canto Alegretense* e *Origens*.

5 Composição interpretada por Neto Fagundes, filho de Bagre Fagundes, na linha Manifestação Riograndense da 11ª Califórnia da Canção Nativa realizada em 1981, na cidade de Uruguaiana, RS.

5. A faca que mata a vaca,
6. o coice, o laço que vem
7. O tronco, a soga, e a estaca
8. tudo é teu negro também
  
9. A dor do charque é barata,
10. o sal te racha o garrão
11. É fácil ver tua pata
12. na marca em sangue no chão
13. O boi que morre te mata,
14. pouco a pouco meu irmão
  
15. Pobre negro sem futuro,
16. touro olhando humilhado
17. O teu braço de aço escuro,
18. sustentou o meu estado.
  
19. Já é hora negro forte
20. Que os homens se deem as mãos
21. E se ouça de sul a norte
22. que somos todos irmãos.

Nos dois primeiros versos, o eu-lírico faz uma menção ao escravo de saladeiro, com base na dor do conhecimento da história, dos eventos que subjugarão e oprimirão outros seres humanos. A dor que esse saber traz é reforçada nos versos seguintes que enfatizam o sofrimento do negro escravo. No quarto verso, o eu-lírico afirma que o negro sangrava tanto quanto o boi, naquela dura rotina. Os versos cinco e seis apresentam os instrumentos utilizados no boi que, por consequência, também eram usados no escravo, só que como instrumentos de tortura, causando uma dor ainda maior no ser humano do que no animal.

Toda a lírica se sustenta em uma comparação entre o boi e o escravo, enfatizando a desumanização do ser. Essa construção é fundamental para que a lírica se constitua e produza o efeito de sentido, conforme aponta Antonio Candido:

Na comparação, sobretudo em sua forma mais radical, a metáfora, o mundo está e não está presente. De fato, graças a ela o escritor acentua a intensidade da analogia até parecer que não há mais mundo, mas sim uma mensagem com vida própria... (CANDIDO, 2004, p. 35).

No verso onze constatamos o processo de desumanização a partir da referência à “pata”, que da denominação ao membro do animal acaba por referenciar o pé do homem, tratado como o animal que abate e que é, aos poucos, também abatido. No primeiro verso



do refrão – nono verso – há uma construção paradoxal na qual afirma que todo o dinheiro ganho com o charque não é suficiente em razão da dor imposta ao escravo. Podemos também pensar que na época pouco ou nada os charqueadores se preocupavam com isto, afinal a riqueza era somente deles e o sofrimento, a dor barata do charque, era reservado ao negro. Essa dor, esse sofrimento que vai consumindo a carne do trabalhador ao mesmo tempo em que conserva a carne do animal, é evidenciada a partir dos versos 13 e 14, reforçando o desgaste do negro nesta dura labuta.

Toda essa força motriz da economia criou uma dependência do trabalho escravo e todos os movimentos que defendiam a libertação encontravam contestações. A principal delas decorria desse processo de desumanização, pois o escravo era um bem, uma propriedade, e, como tal, seus donos deveriam ser indenizados pelos prejuízos decorrentes de sua falta. Assim, mesmo a escravidão sendo abolida em 1888,

o princípio adotado foi o da liberação com a cláusula de prestação de serviços, o que implicava que o senhor permanecesse com o trabalhador a sua disposição, para uso de acordo com suas necessidades reais e repassando os gastos de manutenção para o próprio liberto, agora chamado de contratado. (PESAVENTO, 1997, p. 45)

Essa situação vai ao encontro da ausência de futuro do negro – verso quinze –, pois, além de sua duração de vida ser curta no saladeiro, mesmo após a abolição da escravatura, ele continuava a sofrer com este trabalho que era a própria tortura. Também neste verso, o negro continua desumanizado, agora comparado ao touro, o animal bovino macho sem ser castrado e por isso mais viril que o boi. Entretanto, esse realce é apenas para aumentar a desgraça, pois a humilhação para o touro é muito mais forte do que para o boi, visto que externa uma potencialidade, uma força que se abate sobre o homem em uma nova condição. Se antes, a ideia de castração imposta pela condição de escravo limitava sua vida, logo após a abolição, a ela o peso da liberdade era imposto com uma força invisível, mas tão poderosa quanto os grilhões e o açoite. Os versos 17 e 18 retomam o que já sabemos acerca da riqueza construída com base no suor e sangue escravo, não apenas no estado do Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil, se constituindo como uma forma de consciência de si no processo histórico de formação da sociedade brasileira.

A história da consciência de si do Brasil, tal como Sandra Pesavento reconstrói apoiando-se sobre as grandes figuras da historiografia brasileira, demonstra a nossos olhos contemporâneos duas verdades distintas: aquela dos atores cuja história é contada e aquela dos

historiadores cujos pressupostos são explicitados. (LEENHARDT, 1998, p. 43).

Na última estrofe o eu-lírico encerra o relato do período, reforçando a permanência do preconceito, mesmo após tanto tempo. Considerando a década de 1980, período no qual os preconceitos contra o negro eram ainda fortes (salientamos que o preconceito permanece, felizmente de forma menos intensa, mas problemática no nosso contexto social das primeiras décadas do século XXI), há um apelo para que toda a sociedade entenda e reconheça a igualdade, pois “Já é hora...”.

Consideramos importante ressaltar que Antonio Augusto Fagundes, o autor da letra desta canção, foi um dos maiores difusores da cultura gaúcha que conhecemos hoje. Fundador e apresentador do Galpão Crioulo por mais de 30 anos, programa televisivo até hoje exibido através da RBS, emissora regional do Rio Grande do Sul. Nico Fagundes, como era conhecido, faleceu no ano de 2015 aos 80 anos de idade. Pensamos, então, que sendo ele um ícone da cultura gaúcha, no momento em que afirma nos primeiros versos “me dói saber como foi”, não apenas ele se compadece do negro pela dor sentida, mas se ressentido, pois o modelo de gaúcho por ele idolatrado era o açoitador do negro. Aproximado do estancieiro charqueador, o poeta sente a dor de ser o carrasco, e se culpa por todo este horrendo sofrimento imposto a um ser humano.

Para entendermos esta questão é preciso voltar à história, quando os vastos pampas, inicialmente “terra de ninguém”, adotaram um “dono”, um Centauro, meio homem, meio cavalo. Definição que até hoje é aceita como sendo a do próprio gaúcho. Gaúcho este que, durante as guerras da primeira metade do século XIX (em especial a Revolução Farroupilha), encontrou um “mortal” a sua altura, ou seja, um herói forjado nas batalhas, não mais um Centauro, mas um Monarca, dono deste chão, tendo como trono um corcel, fléte ou pingo. Estão presentes, portanto, todos os aspectos que sustentaram o mito do gaúcho: o meio, o homem e o tempo, que faziam de qualquer um, desde que gaúcho, um rei e um herói, rei do chão onde pisa e herói de sua própria liberdade (MOREIRA, 1991).

Essa figura está associada a contradições da formação histórica rio-grandense. A esse respeito, explica Flávio Loureiro Chaves:

Dá-se entretanto um processo dialético. À medida que foi desfigurado e distanciado das origens, o gaúcho também foi nobilitado. Nobilitou-o esta perspectiva senhorial dos grandes proprietários rurais a quem interessava

diretamente estabelecer a identidade entre o peão e o soldado, atribuindo-lhe uma aura heróica. (...) Trata-se essencialmente de um fenômeno ideológico, o processo de construção do gaúcho como campeador e guerreiro, inserindo-o num espaço histórico onde os atributos de coragem, virilidade, argúcia e mobilidade são exigidos a todo momento, transportando-o ao plano do mito. E não há caso em que transpareça tão claramente a vitória da ideologia. (CHAVES, 1991, p. 58)

A elite deste contexto histórico e cultural foram os charqueadores, donos do saladeiro. Desta forma, fica visível a fomentação de um paradoxo, afinal os que outrora são os heróis do Antônio Fagundes foram os algozes do negro. Podemos refletir que conceitos de democracia são vistos como menos importantes quando o valor da nobreza, do “monarca” está em jogo. Foi assim que em muitos momentos as liberdades individuais foram ignoradas em nome de ideais políticos, tentando justificar a violência com a luta em prol das desigualdades sociais.

Em todos os momentos e acontecimentos agudos e cruciais (rompimento do pacto colonial em 1822, abolição do trabalho escravo em 1888, a implantação da República em 1889, o movimento político-militar de 1930, a imposição da ditadura do “Estado Novo” em 1937, a “redemocratização” de 1945, o golpe de Estado de 1º de abril de 1964), a classe dominante sempre procurou rearticular e reorganizar as formas de dominação política e acumulação de capital para fazer frente aos crescentes antagonismos e contradições sociais que se acumulavam, como, também, para impedir que as classes subalternas subvertissem a ordem vigente e, ainda, para truncar sua participação no processo político (SEGATTO, 1999, p. 208).

A ideologia empregada nessa articulação política e social visava naturalizar o máximo possível as contradições sociais para torná-las aceitáveis ao ponto de não serem questionadas pela maioria da população que passava a ter a possibilidade de protestar "democraticamente" contra as desigualdades impostas.

Essa concepção experimenta novas visões e estimula a leitura contextualizada e crítica. Cabe salientar, ainda, que se os regimes autoritários visam manter o patamar das verdades absolutas sem questionamentos, rebaixando o ser humano a categoria de objeto, de engrenagem da máquina social sem vontade ou liberdade, qualquer manifestação que resgate o valor humano, mesmo sem comprometimento político, aponta para a necessidade de reflexão e questionamento. *Escravo de Saladeiro* acaba por transcender o próprio regionalismo ao apresentar elementos de contradições que vão de encontro à exaltação incondicional e irrestrita do mito do gaúcho do seu caráter heroico. Ao abordar a dor, o

sofrimento e a injustiça perpetrados pela escravidão, essa composição discute mais do que pretende inicialmente. Podemos verificar outros dois versos que se contrapõem à ideologia defendida pelo eu-lírico: “O teu braço de aço escuro, / sustentou o meu estado”

O eu-lírico se distancia ainda mais do negro, pois o exclui do “seu” estado, colocando-o em uma situação de deslocamento em relação à própria identidade cultural. Por mais que o negro trabalhasse e se dedicasse ao crescimento econômico do Rio Grande do Sul, muitas vezes com o preço da própria vida, ele não era parte integrante desta sociedade, conforme o *ato falho* do verso dá a entender. Ao negro somente lhe foram impostos modos de conduta na sociedade. Inserção apenas, ou seja, a inclusão, apregoada pela visão romântica acerca do gaúcho e do processo de miscigenação, foi negligenciada em todas as suas possíveis etapas, revelando, assim, um modelo opressor que encontrou no ideal do gauchismo uma forma de se manter sem perder os espaços sociais responsáveis pelo ditame das regras e de manutenção do poder.

Desde a descrição da imensidade do pampa argentino, feita por Sarmiento<sup>6</sup>, desenvolveu-se uma visão sobre a solidão e os espaços vazios que pareciam anular todos os esforços humanos, principalmente os relacionados ao rio que era tão imenso quanto um mar. Isso apenas afiançava a necessidade de conquista e da civilização dos bárbaros que ocupavam a região, quer fossem eles indígenas, negros ou *gauchos*. Essa perspectiva já apregoa o distanciamento que era dado ao gaúcho em relação aos demais, individualizando-o ao invés de integrá-lo ao meio cultural ou, ainda, buscando a inadequação dos demais ao meio, ficando o gaúcho como detentor da terra, bastando resolver a situação política que, em função das guerras, transformou-se no arquétipo da sociedade latino-americana.

Assim, a distância que se evidencia entre o gaúcho – visto inicialmente como bárbaro – e os demais tipos humanos que formaram a região do Prata foi baseada na ideologia positiva sobre o *civilizado* durante a consolidação das nações. A incorporação do ideal nacionalista afastou decisivamente o negro desse processo, visto que o racismo e o modelo de cultura importado encontrou no gaúcho uma oportunidade de se estruturar de forma convincente.

---

<sup>6</sup> “Allí la inmensidad por todas partes, inmensa la llanura, inmensos los bosques, inmensos los ríos, el horizonte siempre incierto, siempre confundiéndose con la tierra entre celajes ya vapores tenues que no dejan en la lejana perspectiva señalar el punto en que el mundo acaba y principia el cielo” (FRANCO, 1997. p. 58).

Apesar de alguns críticos e pesquisadores acreditarem que a Literatura não possui um caráter emancipador e crítico, é inegável que muitos escritores buscaram nas letras seu espaço de questionamento e denúncia, principalmente sobre os problemas sociais. O referencial da Geração de 30, que incorpora escritores gaúchos, é exemplo dessa realidade. Os problemas sociais abordados e revelados com o intuito de chocar e de chamar o leitor para a discussão é uma característica da produção brasileira e gaúcha da primeira metade do século XX. A temática do saladeiro, no entanto, só aparece na segunda metade do século XX, o que reforça os elementos de exclusão do negro da história e da sociedade brasileira.

A composição *Escravo de Saladeiro* foi apresentada na XI Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, no ano de 1981. Interpretada por Euclides Fagundes Neto e grupo Inhanduy. O intérprete da canção, Neto Fagundes, disse sobre seu sentimento em relação ao momento que vivia naquele festival:

Lembro da emoção da primeira Califórnia da Canção, que participei em 1981, quando defendi a música "Escravo de Saladeiro" com letra do Tio Nico e música do meu pai Bagre Fagundes. Era muito jovem e começava a me apaixonar pelos festivais. (FAGUNDES, 2015)

A Califórnia da Canção foi o primeiro festival nativista do Rio Grande do Sul e com certeza o de maior importância. O dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira diz sobre o citado festival: “Por sua importância e pioneirismo, a Califórnia é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que passaram a acontecer em todo o Rio Grande do Sul, nas décadas subsequentes.” (2015).

A composição em questão, na sua versão original, foi executada na escala de sol maior, no compasso ternário - 3/4. Praticamente em sua totalidade se apresenta no ritmo canção. Apenas no refrão, com o intuito de oportunizar uma quebra no relato e aumentar a sua força, o ritmo é alterado para uma polca. A melodia do canto inicia em tom menor, evidenciando a tristeza dos seus versos e partilhando um lamento histórico. Os versos se complementam com a música a partir da nota MI, na qual no violão, instrumento típico das canções regionalistas do sul, o bordão (sexta corda) faz ressoar a prima (primeira corda) sem ser tocada diretamente. Esse ressoar em simpatia evidencia a relação da literatura com a história que propomos nesse ensaio, pois a lacuna histórica sobre o saladeiro pode ser refletida com base na composição, considerando suas contradições e desencontros

inerentes à própria arte e que, por isso mesmo, possibilitam a *audição* de novas histórias sobre a nossa formação cultural.

## REFERÊNCIAS

38ª CALIFÓRNIA da Canção Nativa. **A Califórnia**. Disponível em: [http://38californiadacancaoativa.com.br/38california/?page\\_id=7](http://38californiadacancaoativa.com.br/38california/?page_id=7). Acesso em: 28 de mai. de 2015.

ADORNO, Theodor. **Minima moralia**. Tradução: Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

ALVES, Castro. O navio negreiro. In: **Grandes poemas do romantismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CANDIDO, Antonio. O mundo desfeito e refeito. In: CANDIDO, Antonio. **Recortes**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2004.

CHAVES, Flávio Loureiro. Um caso ideológico: o centauro dos pampas. In: CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

FAGUNDES, Antônio Augusto; FAGUNDES, Bagre. **Escravo de Saladeiro**. Encarte do álbum triplo (Long Play) em comemoração aos 20 anos da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. RGE, 1990.

FAGUNDES, Neto. **Chasque do Neto: ídolo eterno**. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/galpaocrioulo/noticia/2013/03/chasque-do-neto-idolo-eterno.html>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FESTIVAL Califórnia da Canção. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/festival-california-da-cancao/dados-artisticos>. Acesso em: 28 mai. 2015.

FRANCO, Jean. **Historia de la literatura hispanoamericana**. 11. ed. Barcelona: Ariel, 1997.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, Charqueadas & Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense (Pelotas)**: Editora e gráfica universitária - UFPel, 2001.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998.

MOREIRA, Maria Eunice. O mito do gaúcho. In: **Anais da IV Jornada Nacional da Literatura** (11 a 14 de junho de 1991) Universidade de Passo Fundo.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RUBIRA, Luis Eduardo. Apresentação. In: RUBIRA, Luis Eduardo. (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas** – Volume I. Santa Maria: Pró-Cultura RS / Gráfica e Editora Pallotti, 2012.

SEGATTO, José Antônio; BALDAN, Ude (Orgs.). **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Literatura e história no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

### **THE OPRESSION PRESERVED IN THE SALT OF HISTORY: A READING OF THE SONG *SLAVE OF THE DRIED MEAT FARM***

**Abstract:** This paper presents an analysis of the composition *Escravo de saladeiro* [Slave of the dried meat farm], by Antonio Augusto Fagundes and Euclides Fagundes Filho. This song was presented in 1981 in the XI *California da Canção Nativa de Uruguaiana*, one of the most important native music festivals of Rio Grande do Sul, Brazil. The theme of this song is slavery in the dried meat farm and the suffering imposed on blacks, a situation that was treated – until the third quarter of the twentieth century – tangentially by the historical discourse, much as a function of a project to value the history of the gaucho. The verses of the song that recover this period of oppression allow a remembrance of a distant but still resonating past in our time, confronting our own identity formation through the metaphors in which “the world is and isn't present”, considering the perspective of Antonio Candido. To support our research, we will also rely on the reflections on Literature and History proposed by Sandra Jatahy Pesavento and Jacques Leenhardt, as well as historical documents about the period of slavery in Brazil.

**Key-words:** Slavery. Gaucho. History. Music. Literature.